

MACINTYRE, Alasdair. **Deus, a Filosofia e as Universidades: uma história seletiva da Tradição Filosófica Católica.** Brasília: Editora Devenir, 2022, 340 p. (God, Philosophy, Universities: A selective history of the Catholic Philosophical Tradition).

Elton Vitoriano Ribeiro*

Alasdair MacIntyre (1929), importante filósofo contemporâneo crítico da modernidade e defensor da tradição aristotélica, tem mais um importante trabalho seu traduzido para o português. Autor de um estilo filosófico analítico e objetivo, MacIntyre possui a capacidade de fazer grandes sínteses históricas em seus trabalhos. Suas obras marcam um tipo de reflexão filosófica atenta às práticas sociais, às narrativas e às tradições. O núcleo de sua obra está presente em três trabalhos: *After Virtue – Depois da Virtude (1981)*, *Whose Justice? Which Rationality – Justiça de quem? Qual racionalidade? (1988)* e *Three Rival Versions of Moral Enquiry: Encyclopaedia, Genealogy and Tradition (1990)*. Lembro ainda, entre tantos trabalhos, o importante livro *Dependent Rational Animals: Why Human Beings Need the Virtues? (1999)*, e seu último livro *Ethics in Conflicts of Modernity: Na Essays on Desire, Practical Reasoning and Narrative (2016)*.

No seu livro *Deus, a Filosofia e as Universidades: Uma história seletiva da Tradição Filosófica Católica*, de 2011, traduzido agora para o português do Brasil em 2021, MacIntyre dá continuidade ao seu projeto de pensar a tradição filosófica católica e sua presença nas universidades ao longo da história. No próprio título do livro ele anuncia que essa é uma *história seletiva*, fruto de seus cursos na *Universidade de Notre Dame* a partir de 2004, e fruto de sua própria,

Resenha recebida em 22 de junho de 2022 e aprovado em 12 de maio de 2023.

* Doutor em Filosofia pela PUG-Roma. Professor da FAJE. País de origem: Brasil. E-mail: eltonvitoriano@gmail.com

e, portanto, seletiva, leitura da filosofia católica. A organização do livro em partes está muito bem pensada, seja para cobrir um grande período histórico, seja para olhar com atenção aos desdobramentos contemporâneos dessa tradição. A organização do livro apresenta sete partes: (1) Introdução: Deus, a Filosofia e as Universidades; (2) Prólogos da Tradição Filosófica Católica; (3) Tomás de Aquino e depois; (4) O limiar da modernidade; (5) A modernidade; (6) *Fides et Ratio*: a tradição católica redefinida e (7) Hoje: as universidades, a filosofia e Deus.

Na proposta de MacIntyre é importante notar duas coisas. Primeiro que ele começa com *Deus* e termina com *Deus*, e coloca Tomás de Aquino no centro dessa tradição. Segundo que, ao buscar entender e interpretar o pensamento filosófico católico, MacIntyre interpreta a filosofia católica historicamente, como uma constante conversa ao longo dos séculos, seja em seus argumentos filosóficos, seja nas situações sociais, culturais e eclesiais que vão interagindo entre si e formando a tradição católica.

Na primeira parte MacIntyre faz uma rápida introdução ao tema *Deus, Filosofia e Universidades*. Para ele, a questão de *Deus* passa necessariamente pelo modo como usamos essa palavra, assim entender os diversos usos que fazemos da palavra *Deus* é fundamental para a discussão sobre o significado dessa palavra, sobre a crença teísta, sobre os atributos de Deus e sobre a necessidade metafísica e lógica da existência de *Deus* segundo algumas interpretações. Aqui, para MacIntyre, *Deus* se apresenta como um problema filosófico, especialmente quando atribuímos a *Deus* atributos ilimitados de poder, conhecimento e bondade. Ora, se aprendemos a usar as palavras em contextos finitos, o que significa afirmar que os atributos de *Deus* são ilimitados. Além dessa questão, MacIntyre discute outras como a questão teísta de um *Deus* único, o mal natural, moral e social, e a independência dos seres finitos.

Sobre a *Filosofia*, tema fundamental, nosso autor a entende como dotada de uma peculiar linguagem, especialista em fazer perguntas e colocar indagações sistemáticas que geram tradições de justificação racional. Aqui, MacIntyre avança a questão, novamente, da busca pelo significado: o que queremos dizer quando dizemos algo? Será que aquilo que afirmamos é verdade? Quando temos razões suficientes para afirmar que algo é verdade? Ora, sendo, para MacIntyre, o ofício

do filósofo o de argumentar em vista do bem comum, o máximo que um filósofo pode almejar é construir o melhor argumento possível até o momento. Sabendo que a prática filosófica possui como característica essencial a discordância constante dos filósofos uns com os outros. Portanto, para o autor: “Cada afirmação deve ser tratada como aberta ao questionamento, incluindo as assertivas que pretendem descrever ou serem parte da autorrevelação de Deus (p.42)”. Isso porque, para MacIntyre, a *Filosofia* é uma forma social e não solitária de investigação racional.

Finalmente, as *Universidades*. Ora, se a crença em *Deus* possui uma história mais longa do que a prática filosófica, as *Universidades* possuem uma história muito curta em relação ao teísmo e a filosofia. As *Universidades* surgem como a possibilidade de organizar e institucionalizar esquemas de aprendizagem. As *Universidades*, ao delimitar as disciplinas e os métodos, propicia um “ambiente no qual respostas diferentes e rivais a questões (...) possam ser propostas e as objeções a cada uma consideradas em detalhes, de modo que tais respostas possam ser revisadas ou rejeitadas, e tais objeções submetidas a um escrutínio crítico (p.49)”.

Após a breve introdução, MacIntyre apresenta um *Prólogo da Tradição Filosófica Católica*, na qual comenta sobre a importância germinal de Agostinho, Boécio, Pseudo-Dionísio e Anselmo. Aqui surge a pergunta: o que é ser um filósofo católico? Essa pergunta surge no momento em que a filosofia é entendida como um modo de vida que apresenta visões sobre os fins da vida humana, sobre a natureza das virtudes e sobre os tipos de conhecimentos que podemos alcançar. O cristianismo, então, primeiramente com Agostinho, recorrerá a recursos argumentativos da filosofia para pensar teologicamente o desejo humano de conhecer a alma humana e conhecer Deus. A filosofia aqui se mostra como um auxílio útil para a leitura e a interpretação das escrituras cristãs. Para Agostinho, a filosofia, por si só, não pode nos dar uma visão verdadeira sobre a ordem das coisas; mas ela possui um papel fundamental a desempenhar, como sendo obra da razão natural, na investigação argumentativa das verdades. Para MacIntyre, Agostinho estabeleceu os marcos para o debate argumentativo sobre os caminhos e as questões da tradição católica. Diferente de Agostinho, Boécio defende a

autonomia da filosofia em relação a teologia; Pseudo-Dionísio defende a teologia mística para se falar corretamente de Deus; e Anselmo aprofunda a discussão sobre a existência de Deus. Temos, então, para MacIntyre, na história do pensamento, especialmente em Agostinho, nos temas tratados e nas questões deixadas em aberto, um prólogo ao advento da tradição filosófica católica.

Mas, esse prólogo não estaria completo sem a abordagem da tradição islâmica e judaica. Na opinião de MacIntyre: “A tradição filosófica católica foi finalmente gerada quando, no século XIII, o que se tornara o padrão de entendimento agostiniano da relação da filosofia com a teologia foi desafiado pela redescoberta dos textos de Aristóteles (p.97)”. Essa redescoberta é devedora do trabalho dos pensadores islâmicos e judaicos. As primeiras traduções de Aristóteles para o latim foram feitas a partir do árabe e acompanhadas de comentários de autores muçulmanos teístas. Novamente, aqui, alguns autores islâmicos e judaicos são importantes: Avicena, Algazel, Averróis e Maimônides. Os temas de debates continuam os mesmos, a saber, o relacionamento de Deus com o mundo ou Deus como criador do mundo; o relacionamento do corpo com a alma, ou a imortalidade da alma; a felicidade humana e a possibilidade, ou não, de alcançá-la neste mundo. Parte desses filósofos islâmicos deram-se a importante tarefa, especialmente Averróis, de mostrar não haver inconsistência entre as conclusões de Aristóteles e as verdades reveladas pelo Alcorão. Para esses filósofos, a filosofia é a Sabedoria da qual fala o Alcorão (16:125): “Chame os seres humanos para o caminho de seu Senhor por Sabedoria e exortação justa”.

Depois do prólogo, MacIntyre nos apresenta a gênese da tradição filosófica católica a partir de três tradições culturais teístas diferentes: o cristianismo bizantino, o islã e o cristianismo do ocidente latino. Em todas essas culturas a crença em Deus é universal, a teologia surge como a cultura acadêmica hegemônica, o mundo natural e histórico ainda carece de meios adequados para serem conhecidos e os modos de interpretação, a dialética e a disputa, tornam-se os meios de argumentação. Neste ambiente as universidades ganham força e lugar, tornando-se local propício do ensino e investigação: “O ensino, que consiste no sucesso em disponibilizar os recursos da aprendizagem pretérita em presente, é inseparável da investigação contínua, da reformulação das velhas

perguntas, do teste das crenças estabelecidas, de nossas perguntas e, assim, de novos recursos de ensino (p.143)”. Nesse ambiente, a retomada das obras de Aristóteles amplia e transforma a concepção de conhecimento secular; fornece uma nova e sistemática visão sobre a compreensão do mundo natural e do envolvimento do ser humano nesse mundo. Temos o contexto adequado para o surgimento do gênio de Tomás de Aquino e de sua posição central na tradição aristotélica e na tradição filosófica católica.

MacIntyre dedica três capítulos ao pensamento de Tomás de Aquino: (1) Tomás de Aquino: a filosofia e nosso conhecimento de Deus, (2) Tomás de Aquino: a filosofia e a vida prática e (3) Tomás de Aquino: Deus, a filosofia e as universidades. Para MacIntyre, Tomás de Aquino é o auge da tradição filosófica católica. Herdeiro da teologia agostiniana e da filosofia aristotélica, a síntese de Aquino é genial. Genial porque apresenta de forma sintética os pressupostos filosóficos anteriores e, em sua interpretação, fornece o vocabulário das indagações filosóficas posteriores, ou seja, sua presença marca e dá a direção futura de toda a tradição católica. Aqui, neste texto, MacIntyre analisa alguns textos de Tomás de Aquino: *De ente et essentia*, *Summa contra Gentiles* e parte da *Summa Theologica* que tratam sobre a vida prática, especialmente, as virtudes, o bem comum, a deliberação racional, a lei positiva e natural e a caridade. A caridade, vale ressaltar, como a forma de todas as virtudes: “Onde quer que haja uma virtude genuína, ela é informada pela caridade (p.184)”.

Assim, a argumentação de Aquino sistematiza e organiza o modelo de como o ensino e o aprendizado das universidades deveriam ser organizados. Primeiro, deve-se começar com a aquisição das habilidades gramaticais e lógicas, depois a aprendizagem da matemática e das ciências naturais, para chegar à investigação em filosofia moral e política. O cume do caminho são as investigações metafísicas e teológicas. O objetivo desse caminho é a realização do fim último dos seres humanos como pensadores teóricos e práticos independentes. Depois de Tomás de Aquino, MacIntyre discute os desacordos que surgiram na tradição católica com Duns Scotus e Guilherme de Ockham. Desacordos sobre as atribuições da existência, as determinações da vontade e suas relações com o intelecto, a relação entre corpo e alma, a individuação e a

famosa controvérsia sobre os universais. Para MacIntyre, essas disputas e os trabalhos de Scotus e Ockham são partes integrantes de uma concepção adequada da tradição filosófica católica, e definiram os caminhos das investigações futuras sobre Deus e a natureza humana.

Depois das discussões, desacordos e conflitos da filosofia medieval, MacIntyre apresenta uma parte intitulada *O limiar da filosofia moderna*. Nestes capítulos, nosso autor apresenta o caminho que vai da escolástica ao ceticismo, da filosofia medieval à reforma. Divergências teológicas e religiosas, políticas e sociais, intelectuais e morais, neste tempo, se intensificam e se multiplicam. A imprensa é inventada e permite aos pensadores atingirem um público maior com seus escritos. As navegações e viagens são mais frequentes e propiciam aos intelectuais mais viagens, contatos e experiências. Um novo mundo vai se formando paulatinamente. Aqui, primeiramente, MacIntyre apresenta o padre dominicano Francisco de Vitória, defensor da tradição tomista, estudioso do direito e da política, e seu oponente Juan Ginés de Sepúlveda. MacIntyre também analisa o trabalho dos estudiosos franciscanos que tentaram elaborar um sistema com alguns pontos do pensamento de Scotus. Mas, nas palavras de MacIntyre: “Nem os tomistas, dominicanos, nem os escotistas franciscanos dos séculos XVI e XVII forma tão influentes quanto seu contemporâneo jesuíta Francisco Suárez (1548-1617) (p.213)”.

Francisco Suárez, no parecer de MacIntyre, com suas *Disputationes Metaphysicae*, apresentou a primeira construção metafísica no pensamento europeu que não foi um comentário à metafísica de Aristóteles. O sistema de Suárez é uma interpretação que parte de Aristóteles e Tomás de Aquino, mas também de Scotus e Ockham, e de outros escritores medievais. É um verdadeiro e completo trabalho de leitura da tradição e de novos caminhos. Por exemplo, Suárez afirmou que nada existia exceto os indivíduos, concordou com Tomás de Aquino ao afirmar que o ser é predicado por indivíduos analogicamente, sustentou que temos um conhecimento reflexivo dos individuais que não é mediado pelos universais, e defendeu que o *ius gentium* é parte ou derivado da lei natural. Na opinião de MacIntyre, suas divergências com a tradição anterior abriram caminho para o florescimento de um ceticismo moderado, especialmente

no século XVI, de Montaigne. Mas, como cientistas, filósofos e teólogos precisam de uma refutação do ceticismo para trabalharem, surge René Descartes, Blaise Pascal e Antonie Arnauld. Especialmente Descartes quer fornecer um novo ponto de partida para a investigação filosófica que seja imune à dúvida cética. Eis a porta de entrada da modernidade.

A modernidade para MacIntyre é marcada pela *Ausência Católica e o retorno à Filosofia (1700-1850)*. Neste período MacIntyre vê uma ausência de diálogo entre os filósofos católicos, muitas vezes ainda tomistas, e os filósofos modernos, na maioria dos casos anticatólicos. A situação mudará pouco a pouco, e com muitos conflitos. Antonio Rosmini-Serbati foi o primeiro filósofo católico a enfrentar sistematicamente a filosofia moderna de Descartes a Kant. Neste mesmo contexto acontece mudanças nas instituições universitárias como o surgimento de um grande número de novas disciplinas, a marginalização da filosofia, a exclusão da teologia como disciplina acadêmica relevante e a fragmentação do conhecimento numa multiplicidade de investigações sem nenhuma pretensão de unidade do saber.

Neste contexto anterior surge John Henry Newman, autor que MacIntyre aprecia muito e dá um lugar de destaque no capítulo *Newman: Deus, a Filosofia e as Universidades*. Newman, primeiramente um padre anglicano pertencente ao movimento de Oxford, é recebido na Igreja Católica em 1845. Profundo conhecedor do pensamento aristotélico, mas também dos empiristas britânicos, Newman tem a convicção de que todo entendimento adequado é, no final das contas, um entendimento teológico. Quatro temas fundamentais para Newman são desenvolvidos por MacIntyre neste capítulo: o conhecimento filosófico como conhecimento da verdade e de tudo que existe; a importância das ciências que, a partir de seus vários ângulos diferentes, contribuem para a compreensão do todo; a importância crucial do conhecimento teológico como conhecimento de Deus e a ideia de universidade como lugar de busca de conhecimento, de ensinamento moral e de construção de ideais de humanidade.

Da *Aeterni Patris (1879)* a *Fides et Ratio (1998)*, MacIntyre apresenta duas encíclicas papais que marcam mais um passo na construção da tradição filosófica católica. Os títulos são significativos: *Aeterni Patris: Sobre a*

restauração da Filosofia Cristã conforme a doutrina de Santo Tomás de Aquino e Fides et Ratio: Sobre as relações entre Fé e Razão. Com a modernidade o clima filosófico acadêmico tornou-se hostil à fé católica. Especialmente na Alemanha e na Itália, vários pensadores católicos tentaram renovar a filosofia de Tomás de Aquino dialogando com as necessidades e os pensadores do século vinte. Esse esforço tornou-se necessário quando o Concílio Vaticano I (1869), na Constituição Dogmática *Dei Filius* (cap. 2) afirmou que “Deus, o princípio e o fim de todas as coisas podem ser conhecidos com certeza a partir das coisas que foram criadas através da luz natural da razão humana”.

Diante da situação cultural da época da *Aeterni Patris* a encíclica identifica a filosofia católica com a filosofia tomista. Para MacIntyre, a encíclica, infelizmente, deturpa a filosofia medieval ao deixar de levar em conta a imensa diversidade de posições filosóficas rivais que estavam em conflito na tradição católica medieval. No entanto, a posição da encíclica surtiu efeito, por exemplo, nas várias publicações que tentaram ler a história da filosofia a partir do ponto de vista tomista; na recuperação acadêmica e filosófica do pensamento de Tomás de Aquino, em todas as suas sutilezas e detalhes; e no ensino da filosofia em toda a Igreja, especialmente nos seminários.

O movimento anterior teve grandes pensadores em seus quadros. O filósofo jesuíta Joseph Maréchal, por exemplo, leu Kant com grande atenção e seriedade, e empreendeu um projeto filosófico cujo objetivo era mostrar que o método transcendental de Kant poderia fornecer um solo fértil para a filosofia tomista. Nas palavras de MacIntyre: [Maréchal] "esperava mostrar que o respeito kantiano pelas formas de conhecimento científico pressupunha, em vez de impedir, uma compreensão tomista da ordem da natureza e do próprio ser (p.294)". No entanto, nem kantianos, nem tomistas se convenceram desta empreita.

Entre os filósofos católicos importantes que não caminharam na esteira de Maréchal temos Jacques Maritain. Inicialmente próximo de Henri Bergson na rejeição do naturalismo e do materialismo, posteriormente Maritain buscou uma alternativa tomista às filosofias naturalistas, mas também à filosofia bergsoniana.

Além de Maritain, o século vinte foi frutífero em perspectivas filosóficas para a tradição católica. O tomismo floresceu a partir dos anos sessenta com Réginald Garrigou-Lagrange e Etienne Gilson. Também filósofos católicos, mas com outras perspectivas, foram importantes como Jacques Chevalier, Emmanuel Mounier e Gabriel Marcel.

Outras perspectivas não ligadas, inicialmente, à tradição católica foram importantes. Edmund Husserl tentou fornecer à filosofia um novo ponto de partida que foi fundamental para toda a história posterior, a fenomenologia. Alguns fenomenólogos se tornaram católicos como Dietrich Von Hildebrand, Edith Stein e Max Scheler (que depois rejeitou a fé católica). Vale ressaltar o trabalho de Edith Stein, tão valioso para MacIntyre que dedica um texto sobre ela em 2007: *Edith Stein: A Philosophical Prologue 1913-1922*. Atualmente, Jean-Luc Marion leva adiante um pensamento fenomenológico sobre a religião católica muito frutífero. Outro movimento filosófico católico, apresentando uma maneira nova de fazer filosofia encontramos nos trabalhos de Ludwig Wittgenstein, a filosofia católica analítica, teve seus expoentes em Elizabeth Anscombe, Peter Geach e Michael Dummett.

Mas, diante dessa imensa diversidade filosófica católica presente no século vinte, MacIntyre coloca a pergunta: em que consiste, se é que existe alguma coisa, a unidade da filosofia católica? Aqui, começa a discussão do capítulo *Fides et Ratio: a tradição católica redefinida*. Para MacIntyre, e esse é um ponto fundamental de seu pensamento, as tradições são definidas retrospectivamente. Nesse trabalho de redefinição, *Fides et Ratio*, busca tomar consciência das várias vertentes da tradição católica e dos principais desafios que os diversos pensadores seculares enfrentam. Diante desse panorama, *Fides et Ratio* afirma que a filosofia, ao tratar das questões sobre a verdade, sobre o sentido e sobre a justificação racional, é o principal lugar para os seres humanos colocarem suas questões existenciais fundamentais. A filosofia, para a encíclica, é a busca da verdade pela razão. Nessa busca, filosofia e teologia encontram-se interdependentes, cada uma precisa da outra e pode aprender muito com a outra.

Na *Fides et Ratio* a lista de nomes que compõem a tradição filosófica católica é longa e diversificada. Mas, o importante, além dos nomes e das escolas,

é que para MacIntyre, “nossos problemas filosóficos atuais e nossos recursos filosóficos atuais são o que são apenas por causa do que se tornaram no curso das investigações e debates entre nossos predecessores, e eles só são totalmente inteligíveis quando são entendidos como decorrentes dessa linha histórica (p.321)”. Nessa tradição, MacIntyre encontra certos acordos fundamentais: a valorização das questões existenciais como ponto de partida, a busca de uma compreensão adequada da realidade e uma certa compreensão da natureza do fim último.

Para finalizar, MacIntyre retoma o tema da introdução em *Hoje: As Universidades, A Filosofia e Deus*. Partindo do princípio de que, hoje, filósofos profissionais trabalham, invariavelmente, nas universidades e na pesquisa acadêmica, para MacIntyre a produção filosófica atual está concentrada na solução de problemas bem definidos. Normalmente, com base em conhecimentos muito específicos e limitados a uma determinada área de investigação particular. Nesse cenário, o direcionamento das pesquisas é ditado por aqueles que fornecem os fundos financeiros que, por sua vez, dependem de uma grande variedade de interesses intelectuais, econômicos, culturais e políticos. Assim, a noção presente na *Fides et Ratio*, de que os seres humanos precisam da filosofia que deve articular-se para responder às perguntas essenciais ao florescimento humano, à compreensão e transformação da sociedade, às questões de sentido, na opinião de MacIntyre, é estranha ao *ethos* das universidades contemporâneas.

Diante do que foi apresentado acima, quais são, para MacIntyre, as tarefas do filósofo católico? (1) Interpretar às preocupações humanas mais profundas; (2) Desenvolver uma consciência das relações entre as questões pré-filosóficas, as investigações filosóficas e as verdades reveladas da fé católica; (3) Buscar um tipo de compreensão que permita distinguir o que vale a pena nos importarmos muito, o que vale a pena nos preocuparmos menos e o que não vale a pena nos preocuparmos e (4) Compreender nossa busca humana pela verdade e por Deus como causa primeira e final, como busca fundamental da filosofia. Essas tarefas nos levam à continuidade da construção do relato da tradição filosófica católica, entendida como um empreendimento cooperativo. Nesse empreendimento, a filosofia possui a função integradora de abrir e iluminar as relações com a teologia

e com toda uma gama de disciplinas e conhecimentos, sem deixar de lado a reflexão sobre a história passada da tradição filosófica católica. Finalmente, retomando a inspiração agostiniana, MacIntyre nos recorda que a fragilidade, a finitude e o pecado estão presentes em todos os nossos projetos humanos. Por isso, caridade e esperança são guias seguros para uma busca filosófica consistente e coerente com a tradição católica.